

O GÊNERO “NOTÍCIA” SOB A PERSPECTIVA DIALÓGICA DE BAKHTIN

GENDER "NEWS" UNDER THE DIALOGIC PERSPECTIVE OF BAKHTIN

Antonio Luiz Gubert

Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Professor do Instituto Federal Catarinense (IFC)

E-mail: antoniogubert@hotmail.com

RESUMO

Este artigo trata da análise relacional dos pressupostos teóricos encontrados em Bakhtin (2003) sobre dialogismo na linguagem, a partir da análise um exemplar do gênero discursivo “notícia”. No estudo, buscamos situar afirmativas da teoria bakhtiniana no texto-modelo, relacionando as vozes dos autores e os impactos possíveis nos interlocutores.

Palavras-chave: Gêneros discursivos. Notícia. Dialogismo. Bakhtin.

ABSTRACT

This article deals with the relational analysis of theoretical principles found in Bakhtin (2003) about dialogism in language, by analyzing a copy of speech "news" genre. In the study, we seek to place statements of Bakhtin's theory in the model text, relating to the voices of the authors and the possible impacts on stakeholders.

Keywords: discursive Genres. News. Dialogism. Bakhtin.

1 INTRODUÇÃO

A noção de gênero tem se tornado de grande interesse para a comunidade acadêmica. Contudo, nem sempre o alcunhamento de determinados termos relativos à área é tranquilo ou homogêneo, devido à existência de diferentes correntes teóricas que partilham os preceitos fundamentais, mas que os definem segundo suas perspectivas.

Um exemplo disso é a discussão dos termos “gêneros textuais” e “gêneros do discurso”, que podem significar conceitos diferentes quando analisamos com afinco as configurações metodológicas de implementação de um e outro.

Neste estudo, utilizaremos as premissas defendidas por Bakhtin, adotando a perspectiva dialógica de linguagem como norteadora do estudo. Após uma breve discussão sobre a concepção de gêneros do discurso, promoveremos a análise de um gênero, (no caso, notícia), através de um exemplar-modelo, para verificar a aplicabilidade das referidas teorias.

O trabalho segue as propostas de análise previstas por Rodrigues (2005) e contribuirá para aprofundamento de pesquisas nas áreas de Linguística Aplicada e Linguística Textual.

2 OS GÊNEROS DO DISCURSO NA PERSPECTIVA DIALÓGICA DE LINGUAGEM

Antes de apresentar as teorias relacionadas à perspectiva dialógica de linguagem, é necessário fazer duas observações prévias com relação aos estudos na área: uma sobre flutuação terminológica nas obras de Bakhtin e do Círculo¹ e outra sobre o papel e lugar do gênero no conjunto de formulações (RODRIGUES, 2005, p. 1954).

Bakhtin (2003) afirma que tem predileção por variações e pela heterogeneidade no aferimento dos termos com relação a um mesmo fenômeno, a partir de múltiplos enfoques, mas dentro de uma mesma unidade conceitual. O termo “gêneros do discurso”, por exemplo, fixado em sua obra, teve seu conceito ressignificado, adequando-o às novas perspectivas teóricas do autor. Outro problema de terminologia se dá pela variação nas traduções; contudo, este fato não é subjacente direto à obra de Bakhtin, mas fruto das motivações socioideológicas do profissional da tradução.

A segunda consideração faz referência ao papel e lugar do gênero no conjunto de formulações, pois somente a partir de alguns preceitos é possível entender as motivações da teoria. Deste modo, as “noções de interação verbal, comunicação discursiva, língua, discurso, texto, enunciado e atividade humana” (RODRIGUES, 2005, p. 154) são indispensáveis para o entendimento do gênero.

Passemos, agora, à conceituação de termos importantes para este estudo.

Iniciemos com o conceito de “gêneros do discurso”. Ainda que nos trabalhos do Círculo já se discutissem questões relativas ao conceito de gênero, é no texto “Os gêneros do discurso”, dos primeiros ensaios do autor, em que o termo assume a identidade que lidamos neste estudo. Bakhtin define os gêneros como tipos de enunciados, um tanto quanto estáveis e normativos, vinculados a situações da comunicação social. O autor, deste modo, estabelece uma relação direta entre os gêneros e o enunciado, ligando as duas naturezas dos conceitos: os gêneros são vistos a partir de sua historicidade e o enunciado através de sua natureza social,

discursiva e dialógica. A relação entre gênero e enunciado é, portanto, dialética, e compreendida em determinado momento histórico, através da interação verbal possível nas variadas esferas sociais, estando sujeitos às mudanças da sociedade. Os gêneros, por serem entendidos no âmbito social, estão vinculados a modelos de interação, com finalidade discursiva prototípica e tendo definidos autor e destinatário típicos.

Para Bakhtin (2003), o enunciado é a unidade concreta e real da comunicação discursiva. Cada enunciado é um novo e único acontecimento, mas pode manter relações dialógicas com outros enunciados, surgindo como resposta a outros ou mantendo relação com enunciados que o seguem. Não é composto tão somente de parte verbal, mas também de parte social, como partes intrínsecas, não externas. O enunciado não pode ser confundido com oração, já que a oração não é elemento concreto, é apenas uma unidade convencional da língua como sistema – um elemento abstrato. Do mesmo modo, não pode ser confundido com “texto”, já que o texto não corresponde em sua essência a um enunciado completo.

O autor também faz distinção entre discurso e língua, na obra “Problemas da poética de Dostoiévski”. A distinção, na verdade, se dá pelo recorte de análise da teoria, ou partindo de um pressuposto que privilegia aspectos essencialmente linguísticos (língua) ou os aspectos que possibilitam relações dialógicas, ultrapassando os limites da Linguística (discurso). Na língua como objeto da Linguística, não poderia haver relações dialógicas, pois não há como os elementos do sistema (palavras, orações...) ou do texto estabelecerem este tipo de relação. “Qualquer confronto puramente linguístico ou grupamento de quaisquer textos abstrai forçosamente todas as relações dialógicas entre eles enquanto enunciados integrais. ” (BAKHTIN, 2003, p. 182)

Bakhtin, com relação à interação social, afirma que, para que ela ocorra com eficácia, são necessários o domínio das formas da língua e o das formas de discurso, isto é, os gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2003, p. 261).

Para Rodrigues (2005, p. 159):

O texto, objeto da vida concreta, pode ser analisado a partir de dois planos teóricos. Concretiza-se o estudo do enunciado quando este é visto na sua integridade concreta e viva, ou seja, ao serem considerados os seus aspectos sociais como constitutivos. Ao se abstrair esses aspectos, elabora-se o estudo do texto.

No esquema abaixo, temos a representação das relações entre língua-discurso e língua-sistema e texto-enunciado e texto-sistema, ilustrado as duplas orientações teóricas possíveis para a área:

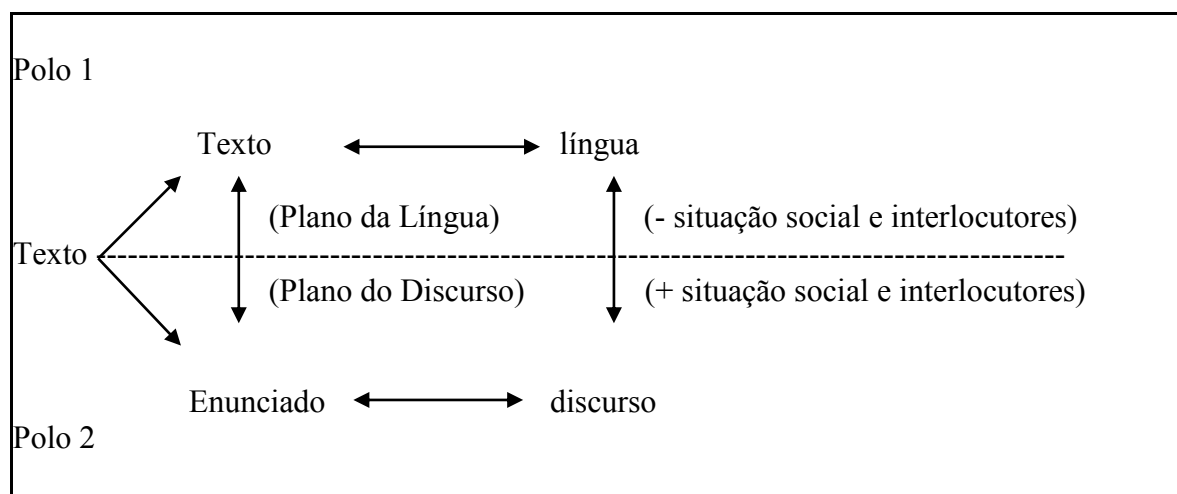


Figura 1: Relação entre texto e enunciado, língua e discurso (RODRIGUES, 2001, p. 63)

Uma observação importante a se fazer com relação aos gêneros é que Bakhtin não os classifica em tipos, mas faz uma distinção entre gêneros primários e secundários, não apoiada em critérios funcionais (BAKHTIN, 2003, p.266). Os gêneros primários se apoiariam em situações comunicativas mais imediatas, cotidianas; já os secundários são mais complexos, especializados, frutos de um processo cultural mais especializado (presentes na comunicação artística, científica, religiosa, jornalística, etc.). A diferenciação, então, tem bases históricas e ideológicas.

3 EXEMPLO DE ANÁLISE A PARTIR DO GÊNERO “NOTÍCIA”

Passemos, agora, a analisar o texto intitulado “COB tenta impedir que as instituições de ensino usem a palavra ‘olimpíada’”, publicado no sítio da agência de notícias “ESPN”, vinculada ao “Estadão”, em 19 de outubro de 2012, para ilustrar um modelo aplicável de compreensão de gêneros a partir da perspectiva dialógica bakhtiniana. O modelo segue as propostas de análise de Rodrigues (2005), para “artigo na esfera jornalística”, num processo em que não se analisa o texto em si, mas sim as características do *gênero*, com o objetivo de encontrar certas regularidades constituidoras da identidade e do funcionamento dele.

O modelo de análise proposto por Rodrigues (2005) foi orientado segundo alguns passos que serão também aqui aplicados neste estudo. No 1º passo, será levada em conta a esfera de concepção do gênero, no caso, a esfera jornalística é o foco; no 2º passo, será feita a análise do gênero em si, mas a partir de dois enfoques: *a)* a dimensão social do gênero “notícia” e *b)* a dimensão verbal dos dados, mais voltada ao enunciado.

3.1 DIMENSÃO SOCIAL DA NOTÍCIA

A notícia, assim como o artigo, tem traços comuns com outros gêneros da esfera jornalística. Quanto à interação autor/leitor, ela não é direta, não acontecendo no mesmo espaço e tempos físicos. Há um espaço disponibilizado no sítio da agência para comentários sobre a notícia; contudo, o autor não necessariamente interagirá com as opiniões. Ademais, a notícia tem um tempo de vida, ligado à periodicidade da publicação e à validade, ao vencimento, do conteúdo. Como as publicações eletrônicas podem ser efetuadas a qualquer tempo, a notícia perdurará pelo tempo em que seu conteúdo for útil, geralmente não excedendo uma semana.

A esfera jornalística, quanto à mediação e produção, impõe parâmetros para os gêneros que a circundam, regulamentando, filtrando, interpretando, evidenciando determinados aspectos que são parte do universo temático-discursivo da esfera. (RODRIGUES, 2005)

Analisando a topografia da notícia, encontramos certas regularidades e sistematizações. No exemplar modelo, por exemplo, a notícia foi publicada na seção “Esportes” por conta de seu universo temático. O tema da notícia busca a explanação de fatos do cotidiano, manifestando opiniões valorativas sobre o assunto tratado. Assim como o artigo, na notícia os participantes reconhecem e assumem o trabalho avaliativo do autor, motivados pelo caráter social da publicação.

Quanto ao interlocutor, neste caso, a notícia é dirigida para quaisquer leitores das variadas classes sociais. Contudo, como a publicação é eletrônica, o leitor deve ter acesso a um computador com internet para tal ou solicitar a impressão da notícia. Então, para classes mais populares, o acesso à notícia talvez não seja tão fácil. Além disso, o leitor/interlocutor, por se tratar de um gênero jornalístico, pode ser que receba um texto já revisado por uma equipe de editoração, que filtrou informações ou opiniões que não seguem a ideologia da empresa.

O autor, como cita Bakhtin (2003), assume uma postura de autoria inscrita no próprio gênero, não se referindo à pessoa física “Thiago”, com responsabilidade discursiva sobre o escrito. Na notícia é comum que o escritor seja profissional contratado pela empresa, mas eventualmente são aceitos trabalhos de colaboradores. Quanto ao lugar social que a notícia representa, nos deparamos com um leque de possibilidades, que vão desde áreas como a científica até economia. O autor não representa posição social significativa com relação a sua imagem; portanto não é reconhecido como personalidade famosa. Porém, o efeito de sua publicação atinge um cenário sociopolítico de grande escala, tendo, então, sua publicação, notoriedade. Há espaço para a opinião externa, já que, conforme Rodrigues (2005), a pluralidade ideológica e o caráter de abertura para a manifestação da opinião externa são uma imagem prototípica da esfera jornalística.

O autor não manifesta diretamente sua opinião na notícia, apenas reproduz discursos de outras pessoas sobre o tema, incorporando-os no seu texto. Sendo assim, o texto não é necessariamente a manifestação ideológica do autor, mas um construto de opiniões e fatos relacionáveis.

3.2 DIMENSÃO VERBAL DA NOTÍCIA

Na notícia, o horizonte temático faz referência a fatos sociais próprios da esfera jornalística, que gerem interesse por parte dos leitores. No texto em questão, o objeto da discussão é o fato da proibição do uso do termo “olimpíadas” por outras instituições além do Comitê Olímpico, como universidades.

O assunto está situado historicamente no momento em que o Brasil está se preparando para sediar o evento olímpico, em 2016, e também quando eventos universitários de competição intelectual estão aflorando. A notícia surge quando emergem acontecimentos sociais que fogem do convencional, e também que poderiam criar interesse nos leitores em seu conhecimento. O objeto de crítica e questionamento, no caso estudado, é o fato de uma apoderação linguística do vocábulo “olimpíada” pelo COB, o que cria um movimento de reação ao enunciado na realidade e uma ação questionadora por parte dos interlocutores.

A notícia tem como finalidade discursiva a apresentação dos acontecimentos sociais em si (RODRIGUES, 2005, p. 174), a partir da qual o autor expõe o acontecido na realidade e o interlocutor executa sua ação perante o lido. Conhecimentos implícitos são ativados durante a compreensão, uma vez que no texto nem sempre estão dispostas todas as informações necessárias para tal. Além disso, ao texto de exemplo, por estar publicado em suporte digital, são oferecidos *links* de outras notícias e temas relacionados, promovendo uma maior compreensão do tema/fato abordado.

A autoria na notícia, que é assinada por um jornalista, não é uma autoria solitária, uma vez que o profissional se vale de argumentos de outros sujeitos para atender ao seu propósito comunicativo, como o discurso de defesa do professor Marcelo Firer, da Unicamp, e o advogado Luiz Araripe Jr, que defende o COB. Deste modo, relações dialógicas são estabelecidas, com estas incorporações de vozes ao discurso do autor.

Rodrigues (2005, p. 174), afirma existirem no artigo jornalístico duas estratégias dialógicas de enquadramento: o de *assimilação*, quando outras vozes são chamadas a participar do texto; e o movimento de *distanciamento*, desqualificando vozes às quais o autor se opõe. Vamos verificar se estes dois movimentos também ocorrem no gênero “notícia”.

Observemos o período retirado da notícia que serve como base para o estudo, na fala do professor Firer, defendendo sua instituição de ensino diante da proibição do uso da palavra: “[...] *Reconheço* a existência da marca, mas existem instâncias em que isso não se aplica”. No trecho, há o discurso de outra voz que não a do autor jornalista, caracterizando, assim, um acúmulo da autoria, dialogizando o assunto e proporcionando-lhe corporeidade. No exemplo, a voz do professor Firer, atuante em uma renomada instituição de ensino, a Unicamp, confere ao discurso valor social, o que é útil para ser utilizado em uma notícia. Diante do exposto, é possível perceber as relações dialógicas de *assimilação* de vozes. Inclusive, sabendo-se que, por a notícia estar vinculada a uma instituição jornalística, esta também pode ser considerada como um autor interposto, já que detém a responsabilidade e a política de publicação da notícia.

Quanto ao movimento dialógico de *distanciamento*, caracterizado pelo isolamento da orientação valorativa do outro, com perspectivas que não garantem credibilidade ao autor, não há uma referência exata, senão difusa, do algo afirmado. No texto-exemplo, percebemos o movimento de distanciamento quando o advogado Luiz Araripe Jr, do escritório que defende o COB, não cita de maneira direta os nomes dos patrocinadores, mas sim os expõe de maneira genérica: “*Os patrocinadores* bancam esses grandes eventos em troca do direito de usar as palavras associadas a eles. Se for permitido que todo mundo use essas palavras, por que *as empresas* vão querer patrocinar? [...]”. A partir desta indeterminação, que não define quais empresas, quais patrocinadores, concordam com a determinação, o enunciado do autor não consegue atingir o mesmo valor de verdade se na ocasião fossem citados nomes, por exemplo. Até porque se fossem citados nomes dessas empresas, as mesmas poderiam ser citadas a participar da notícia de maneira direta, o que geraria desconforto aos empresários.

O uso do discurso do outro concede cria uma espécie de perspectiva, e o fundo dialógico que é dado àquele discurso concede-lhe *status* de valor.

Com relação às configurações estilístico-composicionais, a notícia tem seus aspectos ligados ao objeto de discurso e também aos padrões estabelecidos pelo ambiente em que é veiculada, no caso, o jornalístico digital (formatação, normas de publicação...). Os enunciados já-ditos também contribuem para as configurações, “pelo enquadramento do discurso do outro e pelas formas composicionais de introdução e organização do discurso do outro”. (RODRIGUES, 2005, p. 175)

Na notícia, a apresentação dos acontecimentos sociais é o mais importante. O autor expõe os fatos e, para ratificar o exposto, convoca outras vozes a participar do texto. Estas vozes fornecerão seus pontos de vista sobre o ocorrido, e o conteúdo temático, portanto, não é

necessariamente a expressão única da voz de quem o assina. Se o jornalista/autor for famoso, reconhecimento na sociedade, a autoria da notícia já contará com argumento de valor, pelo posto ocupado por quem a escreveu. Essas posições discursivas entrelaçadas, entre o autor e as outras vozes, é a manifestação das relações dialógicas entre enunciados.

O discurso do outro se faz presente em todo o texto. Exemplificaremos, agora, a partir de traços estilístico-composicionais, algumas estratégias dialógicas de assimilação e de distanciamento.

No movimento dialógico de assimilação, há a presença de verbos, de expressões, que introduzem o discurso e lhe conferem o tom avaliativo positivo. Por exemplo, no trecho “[...] *estamos agindo de forma muito branda aqui no Brasil. Nos Jogos Olímpicos de Londres a lei foi muito mais restritiva*” [...], proferido pelo advogado do COB, percebemos um tom que dá a seu discurso a valoração positiva (ao menos para quem compartilha sua ideologia), já que estariam sendo brandos com relação às punições que a lei confere a quem utilizar o termo que, segundo os discursos dele e do COB, é de uso exclusivo.

Quanto ao movimento dialógico de distanciamento, há a presença estratégias de desautorização do discurso do outro. Negações, conjunções adversativas, ironia, são elementos prototípicos nesta relação dialógica. “[...] *reconheço a existência da marca, mas existem instâncias em que isso não se aplica. Não tem nada a ver*”. No primeiro caso destacado, percebe-se que o professor, no uso de sua posição de catedrático, portanto, de grau elevado de estudo, afirma seu conhecimento sobre o assunto, *mas*, e bem por ter esse alto conhecimento, sabe que ação tomada não pode ser legal, desautorizando o discurso do COB e de seu advogado. No segundo exemplo, o professor afirma categoricamente o equívoco do COB com relação à proibição do uso do termo “olimpíadas”. Nos três casos, o professor está fazendo o uso de estratégias dialógicas de distanciamento.

O modo como o discurso é introduzido também é importante quando analisamos as estratégias dialógicas. Na notícia, podemos ter a citação do discurso relatado de maneira direta, indireta ou bivocal, por exemplo. De modo direto, temos o exemplo: “Os patrocinadores bancam esses grandes eventos em troca do direito de usar as palavras associadas a eles [...]”. Como exemplo de discurso citado de modo indireto, temos “No entanto, Firer explica que a utilização da palavra ‘olimpíada’ no evento de história se dá como um substantivo e não uma marca ou adjetivo.” E como exemplo de discurso citado de modo bivocal, com um único falante fundindo dois enunciados, temos como exemplo “[...] Nos Jogos Olímpicos de Londres *a lei foi muito mais restritiva*”, em que o advogado usa o discurso da lei para compor o seu. A escolha

por este ou aquele modo de introduzir o discurso marca diretamente a posição do autor sobre seu discurso. Se utilizada a maneira direta, há uma aproximação maior do conteúdo a si, o que não ocorre com as outras duas formas, que se orientam mais pela análise e comentário do outro.

O interlocutor também ocupa significativo papel nas relações dialógicas. “A orientação para os enunciados já-ditos e sua incorporação no artigo realiza-se, na verdade, em razão do interlocutor, pois é em função dele que se constrói o discurso.” (RODRIGUES, 2005, p. 178). A resposta dada pelo interlocutor é importante para a construção do gênero notícia.

Rodrigues (2005, p. 178) cita três movimentos dialógicos básicos entre autor e interlocutor: “movimento de *engajamento* do leitor a discurso do autor, movimento da *refutação* da possível contrapalavra do leitor e o movimento de *interpelação* do leitor através do horizonte axiológico do autor”.

No movimento dialógico de engajamento, o autor concede ao leitor a posição de aliado, algo como a coautoria do texto. Não dispomos exemplos deste movimento no texto-modelo.

No movimento de refutação, o autor prevê reações do leitor e prepara seus argumentos para que isso não ocorra. Como exemplo, temos a passagem: “[...] É até ofensivo aos participantes da Olimpíada de História, *todos inteligentes o suficiente para diferenciar uma coisa de outra e entender* quais são as competências de cada entidade”, em que se percebe que o professor já adianta que não lhes falta conhecimento para o bom uso do termo em discussão.

Já no movimento de interpelação, há um posicionamento e o leitor é levado a aderir a ele. “A utilização do sinal 'olimpíada' na identificação de seus eventos fará com que o público acredite tratar-se [...] de evento oficial ou patrocinado pelo Comitê Olímpico Brasileiro ou Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos Rio 2016, o que não traduz a realidade”.

Outro ponto importante para a análise dialógica do gênero notícia é considerar a possibilidade de existência de gêneros intercalados compondo o discurso. Poderemos encontrar relatos, leis, resumos, entre outros, que interagem com o gênero maior, estabelecendo as relações de dialogismo. O autor lida com essa circunstância e faz o encadeamento do discurso para que o leitor reconheça que, apesar da intercalação de gêneros, há um gênero maior predominando. Para exemplificar, no texto-modelo, encontramos também os gêneros entrevista, documento, entre outros.

Procuramos demonstrar nesta análise a possibilidade de entendimento do gênero notícia a partir de sua esfera social, situação interacional e relações dialógicas. Entender o gênero deste modo concede ao discurso um *status* de social e o gênero como um produto histórico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da reflexão sobre as teorias bakhtinianas sobre o dialogismo, e procurando aplicá-las em algum modelo de exemplo, concebemos neste artigo um estudo com base no gênero notícia, que, no caso, estava publicada em suporte virtual. Pudemos encontrar exemplos que ratificassem as teorias, analisando os discursos presentes no texto. Tomamos como base o discurso sendo fruto do social e o gênero como produção situada historicamente em um contexto. Os textos utilizados, assim como o gênero, foram tomados como modelo; portanto, não são a única possibilidade de análise. Outras pesquisas com outros textos/gêneros serão bem-vindas, para que sejam traçados paralelos entre os estudos ou com o objetivo de aflorar elementos que não foram abordados neste momento. Esta pesquisa contribui para os estudos na área de Linguística Aplicada e Linguística Textual e serve como fomento para futuras pesquisas nas áreas.

NOTA

¹ Para mais informações sobre o Círculo, sugerimos a leitura de “Bakhtin e o Círculo”, de Beth Brait.

REFERÊNCIAS

BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009, 207 p.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Problemas na poética de Dostoiévski**. São Paulo: Saraiva, 2010.

COB tenta impedir que instituições de ensino usem a palavra 'olimpíada'. Disponível em: http://espn.estadao.com.br/noticia/288056_cob-tenta-impedir-que-instituicoes-de-ensino-usem-a-palavra-olimpiada. Acessado em 23 out. 2012

RODRIGUES, R. H. **A constituição e o funcionamento do artigo jornalístico: cronotopo e dialogismo**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – LAEL – PUCSP). São Paulo: PUCSP 2001.

_____. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In.: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. [orgs.] **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ANEXO

COB tenta impedir que instituições de ensino usem a palavra 'olimpíada'

Por Thiago Cara, da redação do ESPN.com.br

Desde que o Rio de Janeiro foi anunciado como cidade-sede dos Jogos Olímpicos de 2016, o Comitê Olímpico Brasileiro vem tentando transformar o uso da palavra ‘olimpíada’ uma exclusividade sua. A quatro anos do evento esportivo, a entidade presidida por Carlos Arthur Nuzman abriu guerra contra as já tradicionais competições científicas, que envolvem estudantes de todo o Brasil.

Entre os ‘alvos’ do Comitê figura a quarta edição da Olimpíada Nacional de História do Brasil (ONHB), que realizará sua última etapa neste final de semana na cidade de Campinas, em São Paulo. Na reta final de preparação para o evento, a organização da competição foi surpreendida com um documento de 12 páginas, alertando sobre a exclusividade do termo ‘olimpíada’ por parte do COB.

A ONHB é organizada pelo Museu de História da Unicamp e contou, em 2012, com a participação de mais de 34 mil estudantes do ensino fundamental e médio de escolas públicas e particulares de todos os Estados brasileiros. Como parte da argumentação para que o evento mude de nome, o COB alega que esses jovens podem acreditar que a ONHB tenha ligação com os jogos esportivos.

“A utilização do sinal 'olimpíada' na identificação de seus eventos fará com que o público acredite tratar-se a 'Olimpíada Nacional de História do Brasil', organizada por Vossas Excelências, de evento oficial ou patrocinado pelo Comitê Olímpico Brasileiro ou Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos Rio 2016, o que não traduz a realidade", lê-se no documento enviado pelo COB.

Um dos membros da organização do evento acadêmico, o professor Marcelo Firer rebate a argumentação do Comitê. “Chegam a ser patéticos alguns pontos da carta. É até ofensivo aos participantes da Olimpíada de História, todos inteligentes o suficiente para diferenciar uma coisa de outra e entender quais são as competências de cada entidade”, disse, em entrevista ao **ESPN.com.br**.

A posição do COB tem como base a interpretação de pontos do “Ato Olímpico” - lei promulgada no dia primeiro de outubro de 2009 -, da Lei Pelé e da própria “Carta Olímpica” – que rege a organização dos Jogos. Nesses documentos, é possível ler que marcas como “Jogos

Olímpicos”, “Jogos Paraolímpicos”, "tocha", "chama", entre outros signos, são de uso exclusivo do COI e de seus representantes nacionais.

No entanto, Firer explica que a utilização da palavra ‘olimpíada’ no evento de história se dá como um substantivo e não uma marca ou adjetivo. “Um substantivo não pode ser passível de ser licenciado. Reconheço a existência da marca, mas existem instâncias em que isso não se aplica. Não tem nada a ver. As olimpíadas científicas são exemplos muito antigos, e o uso do substantivo é adequado”.

O escritório de advocacia Araripe & Associados, contratado pelo COB para enviar as notificações, explica que há uma preocupação com os patrocinadores para 2016. “O uso excessivo da marca dilui o poder de distinção. Se eu começar a colocar o nome de Biblioteca Nacional em todos os estados, daqui a pouco as pessoas não vão mais relacioná-lo à biblioteca no Rio. É a mesma coisa”

“Os patrocinadores bancam esses grandes eventos em troca do direito de usar as palavras associadas a eles. Se for permitido que todo mundo use essas palavras, por que as empresas vão querer patrocinar? Estamos agindo de forma muito branda aqui no Brasil. Nos Jogos Olímpicos de Londres a lei foi muito mais restritiva”, disse advogado Luiz Araripe Jr, em entrevista à ‘Revista de História’.

Apesar das palavras do escritório, a Inglaterra participou em 2012, ano da Olimpíada de Londres, da United Kingdom Linguistics Olympiad (Olimpíada Linguística do Reino Unido), e, em 2004, a Grécia, país-sede dos Jogos daquele ano, recebeu a International Olympiad in Informatics (Olimpíada Internacional de Informática). Vale lembrar que os comitês olímpicos dos dois países estiveram submetidos à mesma ‘Carta Olímpica’ que o Brasil.